

ENTREVISTA

---

# De Mim Que Tanto Falam<sup>1</sup>

Martha Medeiros/Os F...Privilegiados

---

Entrevista concedida pelos integrantes do grupo teatral carioca Os F...Privilegiados – Cristina Mayrink, Daniela Olivert, Paula Sandroni – e pela escritora Martha Medeiros, por e-mail, na ocasião da reestrea do espetáculo teatral “De mim que tanto falam”, a Martha Ribeiro e Ligia Dabul, em maio de 2010.

**POIÉSIS:** Podemos começar perguntando como se deu este bem sucedido encontro entre Martha Medeiros e o projeto “De mim que tanto falam”, idealizado e roteirizado pela atriz e jornalista Cristina Mayrink.

**Cristina Mayrink:** Como digo no programa do espetáculo, o encontro com os textos da Martha Medeiros foi amor à primeira vista. Fui atravessada pela sua escrita tão desnuda e absolutamente viva, intensa e poética. “Por onde queres entrar? Então entre e fique bem dentro, muito além da periferia”, poesia que finaliza o espetáculo, é com certeza a porta pela qual entrei no final do ano de 2002, quando devorei todos os livros da Martha, iniciando pelos de poesia. Do primeiro contato estabelecido com Martha por e-mail, passando pela experiência de trabalhar com essas poesias, num circuito off de livrarias aqui no Rio e espaços alternativos como SESC -Tijuca em 2005, inclusive culminando com um convite para participar do Festival Porto Alegre em Cena no mesmo ano, até chegar ao espetáculo “De Mim que tanto falam”, que estreou em 2008 e está na quarta temporada, foi um percurso marcado por afirmações do meu desejo frente à esse processo de criação e realização.

**Daniela Olivert:** Acho que foi um encontro delicioso, Teatro e Martha Medeiros. Os seus textos têm uma comunicação imediata e a partir daí tudo foi fluindo.

**POIÉSIS:** Falem um pouco sobre a aproximação de vocês em relação a este trabalho.

**Cristina Mayrink:** Paula Sandroni é atriz fundadora do grupo, entrou em 1991. João Fonseca e Daniela Olivert chegaram em 1995, ano de Exorbitâncias. Eu cheguei em 1996 e fiz *O que é*

---

1 De Mim que tanto Falam foi contemplado com o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2007.

*bom em segredo é melhor em público.* Assim que o projeto De mim que tanto falam foi contemplado com o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2007, convidei João Fonseca para dirigir o espetáculo e ele imediatamente falou da Paula Sandroni para dividir a direção. Paula acabou assumindo a direção do espetáculo sozinha e João ficou com a supervisão. Daniela já estava lá desde o princípio, pois é uma grande atriz com quem sempre quero trabalhar pela afinidades e também pelas discordâncias de ideias que se completam. Em 2001 idealizamos e produzimos juntas o espetáculo Aberrações, uma cult-comédia e chamamos João Fonseca para dirigir e André Stock para atuar. Foi uma experiência muito bacana, pois era totalmente *nonsense* e muito divertido. Quatro peças curtas escritas por Moisés Liporage, após sucessivos encontros conosco. Uma verdadeira ousadia na época. Então, como diz João, estamos em família e isso é fantástico, pois há códigos já assimilados e isso faz a diferença.

**Daniela Olivert:** Foi tudo muito bom! Temos uma grande sintonia.

**POIÉSIS:** Cristina, Daniela e Paula, vocês possuem a mesma história de formação teatral. As três fazem parte de um grupo teatral que foi criado pelo Antônio Abujamra. Falem um pouco dos F... Privilegiados e da formação de vocês dentro do grupo.

**Cristina Mayrink:** Ano que vem a Companhia Os Fodidos Privilegiados comemora 20 anos! São 23 espetáculos dos quais participaram mais de 150 atores diferentes; três tributos; mais de 60 leituras dramatizadas, com a participação de mais de 200 profissionais diferentes entre atores e diretores; várias indicações para o Prêmio Shell, premiação em quatro ocasiões; participação nos mais importantes festivais de teatro nacionais e internacionais. Atualmente somos 12 atores liderados por João Fonseca que assumiu a direção artística do grupo desde o afastamento do mestre e fundador Antônio Abujamra, em 2000. É um grupo que insiste em continuar porque somos insuportavelmente resistentes. E penso que isso é parte fundamental da nossa formação junto ao Abujamra que declarou: "Nós, Os Fodidos Privilegiados, somos uma utopia, à La Fitzcarraldo, do Werner Herzog. Estamos num país utópico. Sou brasileiro e latino-americano, portanto quero ser medíocre. Quem faz teatro no Brasil é privilegiado." E ele está aí muito vivo e atuante, chegando aos 80, mas absolutamente lúcido e provocativo. Sempre foi um exercício do concreto, do científico, da técnica do andar, do falar, do gestualizar, do olhar, do sentar, do ler e estudar, pois ele é totalmente influenciado pelo teatro do diretor, poeta, dramaturgo e teórico Bertolt Brecht, mas simultaneamente capaz de

lançar a máxima: “ O efêmero do teatro é a paixão desse grupo” e de cantar: “Alma não tem cor. Porque somos brancos. Porque somos negros. Neguinho, neguinho, Branco – Negão”. Capaz de deslumbrar-se com o espetáculo de uma tourada, apaixonado pelo balé de Pina Baush, pela obra de Nelson Rodrigues, pela poesia de Fernando Pessoa, de João Cabral de Melo Neto e Jorge Luis Borges, consciente de que “ o palco é loucura, precipício.....14 vidas não bastam”. Outra de suas máximas: “o melhor lugar do mundo para um ator é o palco, pois se há outra opção então é melhor não estar no teatro”.

**Paula Sandroni:** Eu sou uma das fundadoras do grupo, lá em 1991, quando eu tinha 20 anos. A influência do Abu no meu trabalho é total, diária, todo dia de trabalho eu me lembro dele e de suas palavras, seus ensaios e ensinamentos. Ele me convidou pra trabalhar como assistente de direção e eu comecei a dirigir dentro do grupo, no ano 2000. Entrei lá atriz e saí diretora.

**Daniela Olivert:** Estou na companhia desde o início e temos uma longa estrada. Acho que cada um foi ocupando o seu espaço no grupo que antes eram 50 atores e hoje são 11. Fomos nos formando juntos e criando uma linguagem que hoje já se tornou a marca da companhia.

**POIÉSIS:** Há muita influência do Abu neste espetáculo?

**Cristina Mayrink:** Sim, sempre. Acho que tem muita coisa lá, sim, desde a opção por uma dramaturgia não convencional, a preocupação com um desenho da cena, toda coreografada, com marcações precisas e anti-realistas, a escolha de um gestual consciente, limpo, econômico, passando pela irreverência e pelo humor, provocando um distanciamento crítico, que é uma marca forte do Abu, a interpretações não naturalistas com quebras e cortes e misturas de gêneros, nossa relação com o público, que é imediata, direta, onde mostramos que estamos no teatro, fazendo uma cena, lançando questões e pedindo uma postura mais racional e analítica do público, tudo isso é certamente muito linguagem do grupo.

**Paula Sandroni:** Sempre haverá nos meus trabalhos. Posso exemplificar a questão da abertura da peça – para o Abu um espetáculo sempre tem abertura -, e o fato dela se repetir duas vezes. A repetição é marca registrada dele.

**Daniela Olivert:** Acho que sim, sempre, acredito que o Abu sempre nos acompanhará.

**POIÉSIS:** PAULA, De mim que tanto falam foi a sua primeira aproximação aos textos de Martha Medeiros? E essa transposição do poema para o teatro, como você analisa isso? Do

ponto de vista do olhar da direção, da abordagem ao texto? E quanto a CRISTINA e DANIELA, falem um pouco da personagem de cada uma.

**Paula Sandroni:** Foi minha primeira questão: como fazer poesia virar teatro no palco? Passei a procurar locais e ações físicas que justificassem o texto. Fiquei feliz com o resultado. Sim, foi meu primeiro contato com a Martha, fora a crônica dominical de O Globo.

**Cristina Mayrink:** Acho que é exatamente o que a poesia da Martha nos diz: “uma mulher são várias e uma só, uma mulher só, mas são tantas, uma mulher é muito mais do que ela saber ser, uma mulher é uma só e ninguém mais”.

**Daniela Olivert:** A minha personagem foi criada muito a partir das minhas vivências e experiências. É uma mulher que é mãe, trabalha, tem a cobrança do dia a dia... enfim, tudo o que vivo na minha própria vida.

**POIÉSIS:** Antes, Martha já tinha visto crônicas de “Trem Bala” e “Divã”, adaptados para o teatro, também com sucesso. Como é experimentar essa adaptação agora com poemas?

**Martha Medeiros:** Não é muito diferente das outras adaptações. Uma parte de mim se mantém crítica, sente um estranhamento ao ouvir em voz alta o que foi escrito para ser lido em silêncio, mas cada vez me acostumo mais. Por outro lado, é interessante ver a movimentação das atrizes, a integração de um poema com outro, transformando o que antes era um mosaico em algo coeso, único.

**POIÉSIS:** E o processo de criação do espetáculo? O roteiro foi concebido em etapas, de forma solitária, ou se consolidou na cena?

**Cristina Mayrink:** O roteiro foi concebido por mim que mantive a maioria das poesias com as quais já vinha trabalhando, inseri algumas novas e tirei outras. A ordem e divisão das poesias também foram sugeridas por mim e Paula entrou com a ideia de colocar uma crônica de Martha sobre perda de memória que ficou genial e a ideia da abertura com as duas “monstras” já à beira de um ataque de nervos, que é fantástica! João Fonseca brilhantemente sugeriu uma divisão diferente no início do espetáculo, mas basicamente seguimos com o mesmo desenho proposto por mim. Interessante foi perceber as inúmeras possibilidades de construir esse roteiro que num primeiro momento estruturei em blocos nomeados, mas que posteriormente verifiquei uma infinidade de caminhos já experimentados e que confirmam justamente

toda a concepção original de trabalhar com as poesias como numa montagem de um filme. Acho as soluções cênicas maravilhosas, pois Paula, apoiada por João, criou quadros surpreendentes como a cena da festa, da limpeza da casa, da limpadora de vidros na escada ou da bebedeira, só para citar algumas, onde ficou muito claro a afinidade das leituras de todos nós. Além da trilha assinada por ela, que é muito boa.

**Paula Sandroni:** Definitivamente se consolidou na cena. A Cris me mostrou o roteiro dela, e sugeri pouca coisa de mudança em relação à ordem proposta por ela. Fizemos uma divisão “por assuntos”, que acredito ser pouco percebido pela plateia, o que é ótimo. Minha contribuição ao roteiro é consequência do meu desejo de criar duas personagens que falam aquelas poesias; uma é separada, tem filho, a outra mora sozinha, etc. Seguindo esta linha de concepção, surgiu a abertura do espetáculo, que volta no meio e no final da peça; surgiu o diálogo com a empregada, o diálogo das duas, indo pra festa... O João Fonseca ajudou na ordem do primeiro bloco de poemas, que estava um pouco truncado, e ficou bem melhor com a ideia de jôrgal, concebida por ele.

**POIÉSIS:** Pra você, Martha, a poesia propicia algo a mais que crônicas, contos, romances ao serem vertidos para essa linguagem, a do teatro? Ou justamente possui limites para ser transformada?

**Martha Medeiros:** Olha, eu já assisti a um espetáculo em que a atriz ficava sentada numa cadeira dizendo poemas, um atrás do outro, sem nenhuma espécie de encenação a não ser a colocação de voz, e foi deslumbrante. Não por acaso, a atriz era Fernanda Montenegro e os poemas eram de Adélia Prado. Elisa Lucinda também leva poemas aos palcos, e funciona. Então eu acho que não há limitação pra poesia no teatro, mas sou meio purista, acho que a poesia não precisa de muito cenário, muita agitação, é preciso captar a concentração total da plateia, pois não é um texto tão coloquial, tão linear. A plateia precisa se esforçar um pouquinho mais pra “entrar” no espetáculo, e o elenco deve favorecer essa entrada. “De mim que tanto falam” consegue ser uma apresentação cênica sem excesso de informação visual, e com isso ajuda na compreensão do que está sendo dito. Está no ponto.

**POIÉSIS:** Uma das tendências do teatro contemporâneo é implodir com a ideia de história, naquilo que costumeiramente chamamos de enredo. Em “De mim que tanto falam”, é possível afirmar que estamos diante de um jogo textual onde o espectador/leitor é convidado a

montar seu próprio quebra-cabeça emocional com os fragmentos narrados/vivenciados por duas atrizes que de forma virtuosa se desdobram em múltiplas mulheres?

**Cristina Mayrink:** Sim, creio que é disso que se trata exatamente. A ideia de uma “historinha” nunca passou pela minha cabeça. Penso em sequências, em cortes, em flashes, em instantâneos dessa(s) mulher(es) de alma contemporânea. Sempre imaginei que esse texto pudesse ser feito por uma, duas, três ou mais atrizes e isso justamente por causa dessa ideia central de que uma mulher é uma só e ao mesmo tempo tantas. Somos absolutamente multifacetadas, imprevisíveis, contraditórias em nosso pequeno-grande mundo: “Quem de mim você quer”, nos perguntamos e perguntamos para o público.

**Paula Sandroni:** Hum...eu sou a favor de enredo, no teatro, no cinema, por isso criei os personagens e suas situações, pra esboçar cenas com enredos. Mesmo quando o que existe é uma história careta, cada espectador vê a peça que quer! A peça e o filme sempre se passam dentro da cabeça de cada um, e isso é incrível. Sim, cada um que monte seu quebra-cabeça.

**Daniela Olivert:** Sem dúvida, acho que o espetáculo é um convite para que cada um monte o seu próprio quebra-cabeça, mas sempre pensei numa história para essas mulheres, uma trajetória mesmo, um fio condutor e isso me ajudou na composição do personagem.

**POIÉSIS:** “De mim que tanto falam” é teatro e se relaciona com um texto não previsto para o teatro. Em que consiste essa resistência dos textos de Martha à cena teatral? E também: estaríamos rumo a uma nova imagem do autor dramático?

**Cristina Mayrink:** Com certeza à sua força de comunicabilidade, pois teatro é um jogo entre os atores e a plateia, e o texto da Martha é tiro certo. Talvez, sim, estejamos rumo a uma nova imagem do autor dramático.

**POIÉSIS:** Certo, há um exercício de despojamento do escritor na adaptação de seus textos para outras linguagens - teatro, cinema, música. Como uma espectadora especialíssima, avalia que “De mim que tanto falam” se distancia muito do que a escritora Martha Medeiros pretendia comunicar?

**Martha Medeiros:** Não se distancia muito, não. Há uma unidade com o que foi publicado em livro.

**POIÉSIS:** Martha, quando o poema descola do papel, tanto, atado a corpos, a vozes e movimentos, a personagens há anos ocupando um espaço junto com o público, é ainda um poema?

A atriz Cristina Mayrink no espetáculo **"De mim que tanto Falam"**





**Martha Medeiros:** É um poema. Até uma crônica pode ser um poema. Uma música. Um número de dança. A poesia se manifesta quando transcende o óbvio, seja da maneira que for.

**POIÉSIS:** De que forma o jogo teatral, a construção semiológica teatral provoca, tensiona, ou influencia a recepção da escrita original de Martha Medeiros?

Martha Medeiros: De nenhuma forma. Não escrevo pensando nos desdobramentos que meu texto possa gerar. Escrevo para ser lida, apenas. O que vem depois é consequência.

**Cristina Mayrink:** Essa é a magia e a grandiosidade do teatro: invenção. Pois todo texto escrito ou não originalmente para a cena teatral só se realiza integralmente no palco diante da plateia porque houve um grupo de artistas pensando e construindo esse jogo de tensão, de provocação. A direção sai propondo e abrindo caminhos, e os atores vão entrando e se perdendo e se achando e se encontrando e se entregando. O texto chega por um caminho totalmente diferente, claro, mas essa característica de comunicabilidade da escrita da Martha é o início e o fim de tudo, com certeza.

**Paula Sandroni:** Acho que os textos só precisaram de um olhar que os colocasse em certa ordem pra que a recepção fosse a mais agradável possível. A partir da ordem, o jogo de cena é imaginado por nós e assim se concebe o espetáculo.

**POIÉSIS:** Martha, a partir do momento que uma obra é representada, muitos escritores passam a ser convidados a refletir, explicar sua própria obra. É o tipo de coisa que regularmente acontece à sua escrita? Ou então: ao ver sua obra representada, no teatro, seus personagens ganhando vida, isso de alguma forma reflete na construção de sua poética? E ao contrário? Percebe-se alguma expectativa do público em relação ao espetáculo, em função dos textos da Martha?

**Martha Medeiros:** Eu não costumo ser muito questionada sobre os “porquês” do que eu escrevo, creio que por usar uma linguagem muito simples e autoexplicativa. Se fosse questionada demais, me sentiria frustrada, não sou dona de um texto hermético, e sim comunicativo, então me explicar estaria na contramão do que considero um trabalho bem feito. Ver personagens ganhando vida sempre gera um estranhamento, ainda mais quando se trata de poesia, onde o personagem quase sempre é você mesmo, mas aprendi a ser humilde quando os vejo no palco, entendo que deixo de ser a dona exclusiva deles, o trabalho não é mais meu, e sim “nosso”, um trabalho de equipe. É um exercício de desapego. Mesmo já tendo passado

por essa experiência algumas vezes, quando escrevo um novo texto nunca me deixo reger pela possibilidade de encenação, não compactuo com os desdobramentos, livro é livro, e o depois é que se vê, se vai se prestar para mais que isso; então, te respondendo: o teatro não interfere na realização do meu trabalho. É consequência. Por fim, algumas pessoas vão, sim, ao teatro, em busca de um texto com o qual já se identificam, e é bacana essa fidelidade, mas fico torcendo para que eles também se desapeguem da literalidade do texto e se entreguem à magia cênica, que é algo muito maior.

**POIÉISIS:** Uma das tendências atuais é levar aos palcos monólogos, textos literários, romances, etc. Na opinião de vocês, seria uma reação natural a uma perda de referência em matéria de textos dramáticos?

**Cristina Mayrink:** Engraçado é que não sei se é porque vejo o teatro em quase tudo, mas acontece frequentemente comigo esse olhar para alguns textos literários, romances, poesias e imaginá-los transpostos para a cena teatral. Leio e penso: nossa! Esse texto daria um belo espetáculo. Não saberia dizer se há efetivamente uma perda de referência em matéria de textos dramáticos, mas com certeza temos acompanhado uma tendência de levar aos palcos textos não elaborados para o teatro.

**Paula Sandroni:** Não, pra mim, o monólogo é uma reação econômica; os outros exemplos são vontade de inovar mesmo, pois tanta coisa já foi feita...

**Dani Olivert:** Acho que não... Talvez um desejo de experimentar novas linguagens.

**POIÉISIS:** Podemos dizer que “De mim que tanto falam” é uma espécie de confissão íntimo?

**Cristina Mayrink:** Sim, com certeza é um verdadeiro diário compartilhado, cheio de sons, imagens, cheiros e palavras, onde rimos, choramos, filosofamos, escrevemos e falamos de nossos altos e baixos, desejos e sonhos, encontros e desencontros com muito humor e lirismo, mas sempre apontando para o real, para a vida, para o fato de que nada está fechado nem imóvel. Portanto, as alternativas e possibilidades estão aí, são infinitas, é só uma questão de nos reinventarmos e escolhermos se vamos ou se ficamos.

**Paula Sandroni:** Acho que sim! Embora eu nunca tenha pensado em classificar desta maneira. Talvez um confissão íntimo para muitos ouvirem...

**Dani Olivert:** É, é sim, mas citando Nelson Rodrigues “O que é bom em segredo é melhor em público”!

**POIÉSIS:** Apesar de estarmos diante de duas atrizes em cena, o espetáculo tem a forma de dois monólogos justapostos. Assistimos a um duplo relato: duas mulheres narram experiências limites do universo feminino, com muito humor e tragédia, dando um testemunho sobre a condição feminina. Essa exploração dos territórios privados, muito em voga no teatro-narrativo, pode ser uma das causas da boa receptividade do público pelo espetáculo?

**Cristina Mayrink:** Com certeza a identificação das mulheres com essas personagens é total e imediata. Vemos isso em todas as apresentações, seja durante ou no final, e nos debates que já fizemos algumas vezes. Mas é interessante sublinharmos aqui reações e comentários dos homens que não apenas identificam e localizam essa condição feminina como se espelham nela também, pois afinal somos todos múltiplos e contraditórios em nossas vidas. Martha fala para mim, para você, para ele, para ela, para nós, por um caminho totalmente singular que chega ao coração e toca na alma.

**Paula Sandroni:** Creio que é o texto da Martha que toca com muita facilidade as pessoas. Todo mundo se identifica com alguma ou várias partes da peça.

**Daniela Olivert:** Acho que as pessoas gostam porque realmente se identificam com o espetáculo. Muitas vezes em cena, olho para o público e eles concordam com a cabeça e até opinam baixinho... Parece que todos nós nos conhecemos há muito tempo e naqueles 50 minutos estamos ali falando de nós mesmos, somos cúmplices. Acho que isso se dá porque os textos da Martha são especialmente comunicativos.

**POIÉSIS:** O texto de “De mim que tanto falam” consiste em poemas referidos a outros poemas, de alguma maneira ressignificados já por isso, por serem replantados em novo solo, em um discurso que não era bem onde originalmente estavam situados. Sem contar com o fato de assumirem corpo, vozes, feições que por certo você não aventava. Você descobriu alguma face de seus poemas, ofereceu-se alguma chave a partir dessa nova morada, em um espetáculo teatral, que tenha realmente te instigado, ou intrigado?

**Martha Medeiros:** Eu assisti à peça uma única vez, há mais de ano, portanto não consigo me lembrar de detalhes, apenas da impressão geral que ficou. Sinto muito. Lembro apenas que gostei do que vi.

**POIÉSIS:** Paula, Cristina e Daniela, três mulheres que colocam em cena poemas de Martha Medeiros. Essa multiplicação feminina, para tratar do universo feminino, foi proposital?

**Cristina Mayrink:** Olha, não foi originalmente proposital, mas teve um momento que João Fonseca teve também essa mesma ideia, e também chamamos Daniela Sanchez, que é nossa iluminadora, e a Desiree Bastos, que fez figurinos, seguindo essa linha de um núcleo formado com mulheres.

**Daniela Olivert:** Por incrível que pareça não foi proposital. Mas, que foi bom, foi!

**POIÉSIS:** Tem algum reflexo do mundo real de vocês nestas mulheres? De onde veio a inspiração de vocês?

**Cristina Mayrink:** Sim, com toda certeza. Acho que veio de todas as mulheres do mundo, dos filmes, da vida, dos livros...das bisavós, avós, mães, filhas, irmãs, amigas, primas e de nós mesmas que adoramos um espelho.

**Paula Sandroni:** No meu caso, da minha vida mesmo! E puxei os personagens das atrizes, a partir da vida delas também.

**Daniela Olivert:** Como disse anteriormente, essas mulheres somos nós, eu as criei a partir desse texto saboroso da Martha e me inspirei na minha própria vida. O início da “árvore de natal” é verídico, aconteceu com o meu filho e a empregada também, só que ela não se chama Conceição.

**POIÉSIS:** Há planos de continuarem por esta via criativa? As três juntas, dando continuidade a esta modalidade cênica? Quem sabe um “De mim que tanto falam 2”?

**Cristina Mayrink:** Certamente esse caminho da criação já está bem incorporado e não tem volta. Juntas será sempre um prazer e acho que podemos pensar na sua sugestão e encarar um “De mim que tanto falam 2”!

**Paula Sandroni:** A Dani (Daniela Olivert) me propôs dirigir uma peça para crianças que ela vai fazer com a Cris e mais um ator, mas eu não me identifiquei com o texto...quem sabe no futuro?

**Daniela Olivert:** Quem sabe... Nós mulheres sempre temos coisas pra falar!